

Anne Frank

Josephine Poole

Tradução Marcelo Pen

Ilustrações Angela Barrett

Temas Segunda Guerra Mundial; História;
Nazismo; Holocausto.



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



40 páginas

A IMPORTÂNCIA DESTA HISTÓRIA HOJE

A vida de Anne Frank entrou para a História como um dos maiores testemunhos da luta pela sobrevivência num contexto de opressão e intolerância. Perseguidos pelos nazistas comandados por Hitler, muitos judeus foram massacrados em campos de extermínio, de concentração ou de trabalhos forçados; outros conseguiram fugir para países distantes e refazer a vida; outros, ainda, sobreviveram por algum tempo dentro das fronteiras dos países ocupados pela Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial.

O nazismo foi derrotado. Nos corpos e nas almas de todos os judeus, porém, dói a ferida aberta nessa ocasião, e sobre a consciência de toda a humanidade parece pesar a responsabilidade de não permitir que crueldades como aquelas sejam reproduzidas hoje e no futuro.

O testemunho deixado por Anne Frank é um dos principais documentos sobre a História da Europa desse período. Assim, sua história se transforma em uma chave que pode fazer despertar, a

AUTORA Josephine Poole escreveu seu primeiro livro para crianças em 1961 e, desde então, não parou mais, tornando-se uma renomada autora de obras infanto-juvenis. Ela mora em Somerset, na Inglaterra.

ILUSTRADORA Angela Barrett começou sua carreira de ilustradora de livros infantis logo depois de se formar, em 1980, pelo Royal College of Art e já recebeu prêmios importantes por seu trabalho. Ela mora em Londres, na Inglaterra.



qualquer momento, a atenção para o passado, lembrar com vivas cores o que aconteceu e, assim, construir um caminho seguro e pacífico em direção ao futuro.

Ler e contar a história de Anne Frank hoje têm esse papel e essa força. Neste livro, a autora procurou recompor a vida de Anne desde seus primeiros anos até sua captura pelas forças da polícia nazista. Contar esta história para outras crianças é poder estabelecer uma comunicação significativa entre o nosso presente e a época da ascensão do nazismo na Alemanha da década de 1930.

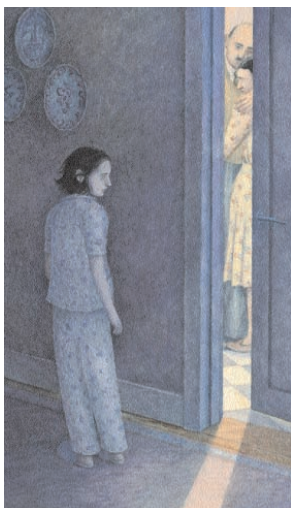
Mas será que ainda se devem rememorar fatos ocorridos há mais de meio século? Seria mesmo possível reinventar o nazismo nos dias de hoje? Para responder a essas e outras perguntas, que determinam a importância da leitura da história de Anne Frank, é preciso ficar atento aos acontecimentos do presente.

Freqüentemente há notícias sobre casos de intolerância religiosa, étnica ou política. O continente europeu, além dos Estados Unidos, por exemplo, vive um grande dilema com relação aos imigrantes de outras nações. Muitos acreditam que esses imigrantes ficam com boa parte dos postos de trabalho que poderiam ser ocupados pelos desempregados nativos e perseguem-nos. Outros, que criticam os primeiros, apontam nessa atitude um preconceito de origem nacionalista e étnica. Afinal, dizem, todos os seres humanos têm direito ao mundo.

No Brasil também existem exemplos de intolerância. Há poucos anos um jovem foi brutalmente espancado até a morte no centro da cidade de São Paulo. Os criminosos eram pertencentes a um grupo conhecido como “carecas”, que adota práticas nazistas. O motivo? O jovem estava de mãos dadas com outro homem. Exemplos de intolerância religiosa estão por toda parte. Os conflitos entre os Estados Unidos e nações do Oriente Médio têm muitas vezes esse pano de fundo: de um lado, grupos muçulmanos que não toleram outras práticas religiosas; de outro, alguns fundamentalistas cristãos, que acreditam personificar o Bem e, portanto, que devem empreender batalhas contra os infiéis.

Por tudo isso, ler e contar a história de Anne Frank pode ser mais importante do que parece a princípio. Certamente este livro contribuirá para sensibilizar seus alunos no sentido de ajudá-los a construir a tolerância e o respeito às diferenças como um dos mais importantes valores que devem ser preservados pela humanidade.





A ALEMANHA DA DÉCADA DE 1930

A participação alemã na Primeira Guerra Mundial havia destruído todo seu poderio militar e arrasado sua indústria. Muitos dentre os alemães julgavam que a nação havia perdido a guerra por causa da traição de alguns. Sentiam-se desprezados, diminuídos e até oprimidos pelas potências mundiais. A economia estava arruinada e os cidadãos conviviam a duras penas com uma hiperinflação absurda. Há registros de cenas de pessoas com carrinhos de pedreiro cheios de notas de dinheiro para ir ao supermercado.

A HISTÓRIA EM SEU CONTEXTO

Quando se lê a história de Anne Frank, trabalha-se com a experiência da Segunda Guerra Mundial e dos acontecimentos que a antecederam e sucederam. Ao propor a leitura do livro aos alunos, não é necessário falar exaustivamente sobre esses acontecimentos. No entanto, pode ser importante que alguns desses temas sejam abordados em seus aspectos mais significativos.

O nazismo alcançou o poder na Alemanha em 1933, quando Adolf Hitler (1889-1945), principal líder do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, tornou-se chanceler (primeiro-ministro) graças à expressiva vitória alcançada por seu partido nas eleições parlamentares. Havia, portanto, uma comunhão entre os anseios de boa parte da população alemã (os eleitores) e as promessas do Partido Nacional-Socialista (ou Nazista, como ficou mais conhecido).

Hitler e seu partido prometiam restituir à Alemanha sua grandeza, perdida com a derrota na Primeira Guerra Mundial, acabando com a inflação e apelando para um sentimento profundamente nacionalista. Para eles, a nação era a construção máxima de uma raça. A nação alemã havia sido, segundo eles, uma construção da raça ariana, considerada pura e superior em relação às demais. Por isso, a Alemanha mereceria o lugar de maior destaque entre as potências mundiais. Atribuíam ainda a derrota na Primeira Guerra Mundial aos judeus, povo que consideravam sem pátria e traiçoeiro, herdeiro de uma raça impura. Com isso, ganharam o apoio de boa parte da população.

Dois anos depois de ter conseguido chegar ao posto de chanceler, Hitler passou a acumular também o cargo de presidente, assumindo o título de *Führer*, líder.

A Alemanha começou a armar seu exército, algo que havia sido proibido pelas nações vencedoras da Primeira Guerra Mundial, no Tratado de Versalhes. Em pouco tempo, o exército alemão não tinha rival entre as tropas européias. Nesse curto período, deixava para trás também a hiperinflação, a economia arrasada, e se transformava na segunda maior potência econômica do planeta, desafiando a Inglaterra.

Paralelamente, os nazistas davam início ao Holocausto, com a construção de campos de concentração, para onde eram levados judeus e outros “inimigos do Estado”, como homossexuais e comunistas. Nas cidades, onde se concentrava a maior parte dos

O HOLOCAUSTO

Assim que subiu ao poder, Hitler deu início a um dos projetos mais cruéis da história da humanidade: o extermínio de um povo, os judeus. Os nazistas apelavam ao anti-semitismo alemão, já existente havia um bom tempo naquela sociedade. Inicialmente foram construídos campos de concentração, como o de Dachau, lugares onde os “inimigos do Estado” eram encarcerados. Tratava-se de uma reserva de trabalhadores (que faziam trabalhos forçados) para empresas alemãs. Mais tarde vieram os campos de extermínio, como Auschwitz-Birkenau, para onde muitos judeus que haviam inicialmente sido encarcerados em campos de concentração foram enviados. Construídos durante a Segunda Guerra Mundial, incorporavam sofisticadas tecnologias de extermínio em massa, como a estrutura dos banhos de gás. Havia crematórios dentro dos próprios campos, de modo que não era necessário sair de lá ostentando os corpos. Também durante a guerra foram erguidos campos de trabalhos forçados. Os judeus e inimigos dos nazistas que eram levados a esses campos serviam como escravos para a indústria bélica alemã. Um grande fardo: ser obrigado a ajudar os nazistas a aniquilar o próprio povo. Em todos os campos, e não só nos de extermínio, muitos judeus morreram pelos maus-tratos ou de exaustão. A solução, muitas vezes, foi fugir dos nazistas e se esconder antes de ser capturado.

judeus, a liberdade deles estava cada vez mais cerceada. Não podiam frequentar cinemas ou bares. Tinham de se identificar com uma estrela-de-davi amarela e bastante visível, pregada sobre a roupa. Eram hostilizados pela polícia e pela própria população e seus estabelecimentos comerciais eram vandalizados.

Para que a Alemanha dominasse todos os outros povos, segundo os nazistas, era necessário que ela conquistasse seu “espaço vital”. A invasão da Polônia, em 1939, foi feita de acordo com essa ideologia, dando início à Segunda Guerra Mundial. A Inglaterra, aliada da Polônia, declarou guerra à Alemanha. O conflito durou quase sete anos, terminando com a derrota do Japão, em 1945, pouco depois da derrota alemã e do suicídio de Hitler.

Antes disso, estiveram envolvidos no conflito diversas nações: da Alemanha aos Estados Unidos, do Japão à Itália, do Brasil à União Soviética e à Inglaterra. Até 1942, o Eixo (a Alemanha e seus aliados, entre os quais a Itália e o Japão) conseguiu vitória atrás de vitória em seu esforço expansionista. Depois de 1942, a guerra entrou em equilíbrio, com perdas e ganhos dos dois lados. A Alemanha de Hitler parecia ter chegado a seu limite de expansão, não conseguindo se sobrepôr às forças do exército soviético. A partir de 1944, as forças do Eixo recuaram diante dos exércitos dos Aliados, que finalmente declararam o fim da guerra em 1945. Mesmo perdendo territórios conquistados, os nazistas continuaram a exterminar judeus até o final da guerra.

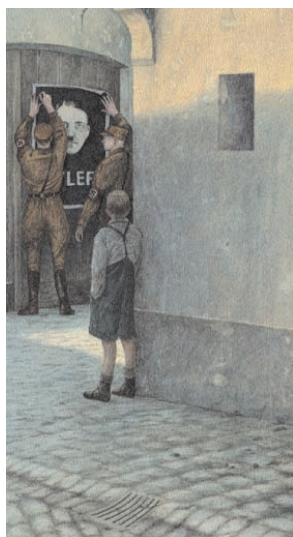
A NARRATIVA

O livro de Josephine Poole e Angela Barrett é uma biografia. Esse é um ponto importante a ser abordado com os alunos, pois se trata de um tipo de texto bastante particular, centrado na vida e nas experiências individuais da personagem principal. As autoras não perderam de vista em nenhum momento o pano de fundo histórico no qual se passa a vida de Anne Frank. Com isso, o leitor está diante de uma biografia de caráter histórico e com a qual é possível entrar em contato por meio de um diário escrito por Anne entre 1942 e 1944.

Nessa época, Anne Frank estava refugiada com sua família no anexo de uma casa em Amsterdã, na Holanda. O diário é, necessariamente, a principal fonte de informação sobre sua vida e sobre seus sentimentos e pensamentos. Isso traz para a narrativa mais um dado importante: a biografia, redigida em terceira pessoa,

OS RESULTADOS DA GUERRA

Milhões de pessoas morreram em decorrência direta ou indireta da Segunda Guerra Mundial. Entre elas estavam soldados de todas as partes, mas também inúmeros cidadãos comuns. Muitos milhares de judeus foram massacrados pelos nazistas. O mundo se organizou para buscar evitar um conflito de dimensões semelhantes e foi criada a Organização das Nações Unidas (ONU), com o objetivo de mediar as relações internacionais e garantir a paz. Estabeleceu-se também um consenso internacional de que o povo judeu deveria ter a garantia de um território próprio. Em 1948 foi criado o Estado de Israel, na região da Palestina. Isso deu origem a outros conflitos com povos locais, que reivindicam até hoje o direito sobre o território. Há muitos povos na atualidade ainda sem um Estado organizado que lhes garanta segurança e paz, por exemplo, os curdos.



foi elaborada a partir de um relato pessoal, escrito em primeira pessoa.

Com isso, puderam ser transpostos para o texto deste livro os sentimentos e pensamentos mais íntimos e reservados da pequena Anne Frank. Essa pode ser uma importante porta de entrada para o universo narrado no texto, quando o livro for abordado com os alunos. As crianças dessa faixa etária, assim como muitos leitores mais maduros, estabelecem seus vínculos com a narrativa de maneira afetiva. Tendo acesso às informações sobre os medos, as sensações, as emoções e as alegrias de Anne, os alunos podem criar uma situação de empatia com a história e verdadeiramente se vincular à personagem. Afinal, estão aprendendo agora a lidar com sentimentos e emoções e a tentar controlá-los em algumas situações.

O estabelecimento desse vínculo será importante para a construção de uma leitura significativa do texto, que favorecerá a aprendizagem das crianças. Tal situação será intensificada com a observação cuidadosa das ilustrações de Angela Barrett.

A história contada neste livro trata de uma experiência de vida bastante trágica e de um contexto histórico não menos trágico e doloroso. As ilustrações, de caráter realista, não escondem essas características, mas centram seu universo imagético na vida pessoal de Anne Frank. Hitler, por exemplo, aparece, em segundo plano, em um grande cartaz ou representado pela polícia nazista. Em primeiro plano, sempre temos Anne, sua família ou um personagem da narrativa, o que faz com que se tragam para esse universo – o humano –, mais próximo de nós, leitores, tanto as imagens como o que está sendo narrado no texto.

QUEM FOI ANNE FRANK

Anneliese Frank nasceu em Frankfurt, Alemanha, no dia 12 de junho de 1929. Sua família, judia alemã, vivia confortavelmente, graças às atividades comerciais de seu pai, Otto Frank. Além dos dois, havia a irmã mais velha, Margot, e a mãe, Edith. Até 1933, os Frank viviam em tranqüilidade, como qualquer família livre da burguesia alemã. Nesse ano, porém, com a subida de Hitler e dos nazistas ao poder, o destino dessa e de muitas outras famílias foi drasticamente alterado.

Quando Anne tinha apenas quatro anos de idade, Otto e Edith perceberam que não poderiam criar as filhas em paz na Alemanha nazista e decidiram que era hora de deixar o país.



UM ACONTECIMENTO HISTÓRICO

Interessa muito pouco à aprendizagem da História que os alunos desenvolvam preconceito em relação aos alemães. Para tanto, é fundamental que seja considerado o contexto histórico e que as razões históricas para a ascensão do nazismo sejam consideradas pelos alunos. Isso não significa de maneira nenhuma tolerar o nazismo ou aceitá-lo, mas sim compreendê-lo como um acontecimento histórico e não mágico ou produzido por algumas pessoas “más”. Também é possível que os alunos tenham a noção de que o preconceito e o anti-semitismo ou a violência étnica ficaram restritos à experiência do nazismo alemão. É importante aqui o desenvolvimento da capacidade dos alunos em generalizar

Acreditando que o nazismo ficaria restrito à Alemanha, instalaram-se em Amsterdã, na vizinha Holanda, para onde as atividades profissionais do pai foram transferidas. Viveram naquele país com liberdade durante sete anos. Anne Frank tinha então onze anos de idade.

Os alemães, liderados por Hitler, porém, não se restringiram à Alemanha e iniciaram seu processo de conquista da Europa. Todos os países dominados eram imediatamente submetidos às ordens e aos princípios nazistas, de modo que judeus de diversas nacionalidades passaram a ser obrigados a usar a estrela-de-davi presa à roupa para serem facilmente identificados e hostilizados nas ruas. Depois, começaram a ser recolhidos, inicialmente, a guetos nas cidades, mais tarde severamente revistados e finalmente transferidos para campos de concentração, de extermínio ou de trabalhos forçados, em condições sub-humanas.

Percebendo essa situação, Otto Frank começou a equipar aos poucos e discretamente um pequeno esconderijo no edifício onde funcionava sua empresa. Em 1942, quando já não era mais possível evitar a perseguição nazista, toda a família se mudou para esse anexo.

Anne passaria ali os últimos dois anos de sua vida. Nesse período, começou a redigir um diário em que narrava suas experiências diárias, além de seus medos, aflições, amores, sonhos. Trata-se de um dos textos mais sensíveis que sobreviveram como testemunhos históricos da época do avanço nazista e da Segunda Guerra Mundial. Anne revisava seu texto de tempos em tempos, pois tinha a intenção de publicá-lo depois da guerra.

Não deu tempo. A polícia nazista descobriu o esconderijo em agosto de 1944. Toda a família e mais outros quatro judeus refugiados ali foram embarcados para o campo de trânsito de Westerbork, ainda na Holanda. De lá, seguiram para Auschwitz e finalmente Anne e Margot foram levadas ao campo de concentração de Bergen-Belsen, em outubro do mesmo ano. Lá, acredita-se, por causa das péssimas condições de salubridade, contraíram tifo e morreram em março de 1945.

os conteúdos históricos trabalhados. Eles devem perceber que práticas cotidianas também podem ser violentas, discriminatórias e preconceituosas e que, portanto, todo mundo precisa estar vigilante para coibir atitudes dessa ordem.

O diário de Anne Frank, porém, não apenas sobreviveu ao nazismo e ao Holocausto, como passou a fazer parte da própria História. Hoje em dia, depois de ter sido publicado por seu pai (o único sobrevivente dessa família), tornou-se um dos livros mais lidos de todo o mundo.

O LIVRO EM SALA DE AULA

A história que você e seus alunos têm em mãos pode ser trabalhada de múltiplas formas em sala de aula, tanto do ponto de vista do texto narrativo como do ponto de vista da História.

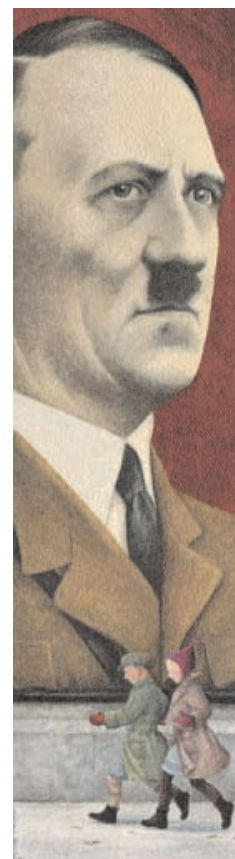
A vida de Anne Frank é uma porta de entrada muito rica para o estudo da História da Europa do período entre os finais das duas guerras mundiais (1918-1945). Inicialmente, o professor pode trabalhar de maneira problematizada com questões históricas contempladas no relato da vida de Anne Frank. Algumas questões podem aparecer ao longo do trabalho de leitura — ou ser propostas aos alunos — e merecem atenção:

- Por que era tão importante para os judeus, no caso a família Frank, fugir dos nazistas?
- O que foi a Segunda Guerra Mundial? Quanto tempo durou? Quais eram os países em conflito? O que queriam?
- Se Hitler foi tão cruel, como conseguiu chegar ao poder na Alemanha?

Essas questões podem ser colocadas à classe durante a leitura do livro e servir como disparadores de investigações históricas importantes. Cabe ao professor, nesse caso, determinar os objetivos de aprendizagem que pretende que seus alunos atinjam.

USANDO O LIVRO PARA APRENDER HISTÓRIA

Um dos principais objetivos do ensino de História no Ensino Fundamental é conseguir fazer com que as crianças aprendam como a História é escrita. Para esse fim, a história de Anne Frank é muito potente. Ao longo da narrativa há referências ao diário escrito por Anne durante os anos em que passou escondida no anexo. É importante ajudar os alunos a identificar a importância desse relato para a elaboração do próprio texto que eles estão lendo. Afinal, Josephine Poole pôde entrar em contato com aspectos tão íntimos da vida da personagem graças a uma pesquisa que envolveu a leitura desse material. Como os historiadores conseguiriam recontar a biografia de Anne Frank, dos anos em que



esteve escondida, se nessa época ela não travava contato com o mundo exterior? Quais são as fontes documentais de que dispomos para escrever essa história? Questões do tipo “Como é que a autora pôde saber da relação entre Anne e Peter se essa relação se deu dentro do anexo, escondida de todo mundo?!” devem fazer com que os alunos reflitam a respeito das fontes históricas necessárias para recontar sua história.

Outro objetivo importante é a construção de determinados valores ou a valorização de alguns princípios. A narrativa de Anne Frank, bastante trágica, ajuda a entender melhor a importância de valores como a tolerância, a compreensão e a convivência com a diferença e com quem não é parecido conosco. No caso específico de Anne Frank, essa questão está colocada pelo encontro histórico de uma família judia alemã com o anti-semitismo nazista. No caso da sala de aula, a convivência com as diferenças é diária e necessária. Esse tema é da maior importância no trabalho com crianças dessa faixa etária. Assim, seria interessante indagar aos alunos sobre como seria a vida de Anne se os nazistas não tivessem, por exemplo, ocupado a Holanda. Os alunos podem trabalhar em grupos pequenos, que teriam a tarefa de supor como seria a vida da personagem caso o fator anti-semita não estivesse presente. Por mais que, do ponto de vista histórico, isso não passe de uma suposição (e, portanto, não seja História), a atividade pode ajudar os alunos a lidar com a questão do preconceito de maneira crítica.

Desenvolver as habilidades dos alunos para compreender a noção de tempo histórico cronológico é outro objetivo central do ensino de História. Além das referências temporais no próprio texto do livro, este volume traz uma cronologia no final. Os alunos podem ser convidados a observar a cronologia identificando as relações temporais entre os acontecimentos descritos ali (“O que veio antes de determinado acontecimento?” ou “Tal acontecimento veio antes ou depois de tal outro?”). O professor pode organizar uma roda com os alunos, depois dessa atividade, com o intuito de elaborar uma linha do tempo da vida de Anne Frank, consultando as fontes disponíveis no livro. Nessa linha do tempo, é possível ainda convidar os alunos a registrar também fatos relacionados a suas famílias, que eles devem pesquisar em casa. O que seus avós estavam fazendo em 1945, enquanto Anne Frank estava no campo de concentração de Bergen-Belsen? Ou em 1929, quando Anne nascia? Esse tipo de atividade deve ajudar os alunos a compreender, além da cronologia, outro aspecto fundamental do tempo histórico: a questão da simultaneidade. Em outras palavras, descobrir que, enquanto Anne Frank escrevia seu diário encerrada no anexo, outras pessoas viviam suas vidas no Brasil, além de fascinante, é desafiador e capital no processo de aprendizagem dos alunos.

DICAS

LIVROS

Para buscar outras informações a respeito da história de Anne Frank, o melhor é ler o próprio diário:

- FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MULLER, Melissa. *Anne Frank: uma biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GIES, Miep; GOLD, Alison Leslie. *Anne Frank, o outro lado do diário* — a história da mulher que ajudou a esconder a família Frank. São Paulo: Best Seller, 1987.

Este último pode ser interessante por contar a história de Miep, funcionária de Otto Frank que não apenas ajudou os refugiados do anexo, como também foi a guardiã do diário de Anne Frank depois da invasão da polícia nazista. O texto do diário, é importante lembrar, não se livrou de algumas controvérsias. Otto Frank não permitiu, em 1947, que todas as partes fossem publicadas e omitiu alguns trechos. Em 1995, em referência ao 50º aniversário da morte da autora, foi lançada uma edição que se dizia “definitiva” do diário, incorporando esses trechos. No entanto, mais recentemente, novas páginas foram descobertas e ainda aguardam publicação.

FILMES

Um material privilegiado para compreender as dimensões que a história de Anne Frank assumiu na cultura ocidental é o filme rodado em 1958 nos Estados Unidos:

- 1959 – *The diary of Anne Frank*, do diretor George Stevens.

Há filmes também sobre a Segunda Guerra Mundial, de altíssima qualidade estética e também histórica:

- 1998 – *O resgate do soldado Ryan*, de Steven Spielberg, que mostra os horrores da guerra.
- 1993 – *A lista de Schindler*, de Steven Spielberg, que conta a história de um empresário alemão que usou de sua influência para libertar alguns judeus do Holocausto.
- 1940 – *O grande ditador*, de Charles Chaplin, sem dúvida o melhor filme desta lista, bom para o estudo do nazismo, do fascismo e do anti-semitismo.



INTERNET

Mais informações sobre o diário de Anne Frank podem ser encontradas nos seguintes *sites*:

- O Diário

http://geocities.yahoo.com.br/anne_frank_brazil/diario.html

- Deutsche Welle em português

<http://www.dw-world.de/dw/article/0,1564,576434,00.html>

Dois *sites* trazem informações bastante completas e confiáveis sobre a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto:

- Portal da Deutsche Welle em português

<http://www.dw-world.de/dw/article/0,1564,1469064,00.html>

- Wikipedia

http://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Segunda_Guerra_Mundial

A partir deste *site*, é possível acessar a página bastante completa sobre os campos de extermínio e sobre o Holocausto.

- Fundação Survivors of the Shoah (Sobreviventes do Holocausto)

<http://www.vhf.org/vhfmain-2.htm> (em inglês)

Liderada por Steven Spielberg, reúne memórias de sobreviventes dos campos de concentração nazistas, inclusive de alguns que vivem no Brasil.

E não poderia faltar nesta lista a sugestão de visitar o *site* oficial da casa de Anne Frank (em inglês):

- <http://www.annefrank.org/content.asp?pid=1&lid=2>



ELABORAÇÃO DO GUIA DANIEL VIEIRA HELENE; PREPARAÇÃO RODRIGO VILLELA; REVISÃO TÚLIO KAWATA, MÁRCIA MENIN E CARLA MELLO MOREIRA.